

No campo, o sucesso da cidade

No ano em que completa 146 anos, Ribeirão Preto continua como em meados do século 19: rica. E o agronegócio tem tudo a ver com isso. “É a ‘corte’ desta região de três milhões de pessoas”, define o secretário municipal de Planejamento, Nelson Rocha Augusto.

A cidade abriga a maior população universitária *per capita* do Brasil: quase 40 mil estudantes, mas a maioria não aparece no censo do IBGE porque eles são contados nos lugares de origem, mas consomem em Ribeirão. Uma comunidade de 514 mil habitantes tem à disposição diversos cursos universitários.

A Prefeitura calcula que 40% da receita anual de R\$ 380 milhões venha diretamente do agronegócio.

“Ribeirão é assim: o maior pecuarista do Brasil pode criar seu gado em Mato Grosso, mas ele e a família moram aqui, os filhos estudam aqui, todos se vestem aqui, ele troca de carro aqui e o dinheiro é aplicado em banco daqui. Todos esses recursos – impossível estimar – vêm do agronegócio.”, explica Nelson.

Ele observa que em Ribeirão o agronegócio faz a diferença porque é aqui que a cadeia produtiva ganha elos efetivos, como todos os derivados da cana, da soja, do leite, do milho, do amendoim... “A desvalorização cambial e a saída do governo da economia exigiram mais eficiência e aí, os empresários do campo e da agroindústria são os que mais souberam aproveitar a mudança.”

O grande desafio desta cidade rica, “Capital brasileira do agronegócio”, está sendo enfrentado e a solução vem do agronegócio: zerar a

fome, para justificar o *slogan*. Fome que começa nas 32 favelas que abrigam sete mil famílias e quase 30 mil pessoas. A Prefeitura promete o Banco da Alimentação. Tudo o que supermercados descartam, mas sem validade vencida, será depositado em dois pontos de recepção para ser reprocessado e embalado em tetrapak – uma sopa reforçada com sobrevida



Foto Renato Lopes

O agronegócio é responsável pela melhor qualidade de vida

de cinco ou seis dias, afirma Nelson Rocha.

“Não há estatística de desemprego, mas ele atinge pessoas de pouca instrução, que não encontram trabalho com facilidade no campo, que se moderniza, e no comércio, na indústria e nos bancos, que se automatizam”, diz.

A mais antiga e a maior empresa da cidade são ligadas ao agronegócio.



A fábrica de móveis Deloioagno, fundada pelos irmãos italianos Salvador, Miguel e João há 101 anos, ainda trabalha a madeira. Antônio Parducci, neto de Salvador, comanda as mudanças, do requinte daquele tempo à praticidade de hoje. Ao lado de peças de embuia, canela e mogno de Goiás e Paraná, o revestimento de MDF, “menos madeira e mais papel prensado, para alegria dos ecologistas, mas sempre vindas da terra”, brinca Antônio.

A origem de boa parte do agrião, cebola, cenoura, chicória, alface, mamão, beterraba, abobrinha, rúcula, beringela, maracujá, melancia... consumidos em todo o Brasil está em Ribeirão — desde 1926, quando o italiano Francisco Massaro e sete filhos abriram a

Sementes Massaro. Esse é outro agronegócio em transformação na cidade. Áurea Massaro, viúva de Evangelino, neto do fundador, parou de importar sementes há dez anos. Ela acrescenta ainda que outros estados já desenvolvem boas sementes. “Vamos nos adaptar às mudanças, mas parar, nunca!”.

A maior empresa, Companhia de Bebidas Ipiranga, consome 120 toneladas de açúcar líquido por dia e está na cidade desde 1948. Agora, ela amplia o leque de consumo de produtos, todos vindos do agronegócio: 480 toneladas por ano de suco de laranja, 80 de uva, 51 de cítricos, 30 de limão e 190 do blend de maçã, morango, abacaxi, maracujá e pomelo. Tudo isso para fazer com exclusividade no Brasil a linha de sucos de frutas e chás. São 1.300 empregos diretos e 500 terceirizados.



O agronegócio gira a riqueza

O setor de supermercados cresceu 5% na região de Ribeirão Preto e entre 0,5% e 1% no Estado entre 1999 e 2001. O levantamento, da Associação Paulista de Supermercados (Apas), revela também a criação de cinco mil empregos e a inauguração de vinte lojas no período.

Agora, as lojas das 65 cidades abrangidas pela regional da Apas empregam 30 mil trabalhadores. O empresário Sebastião Edson Savegnago, diretor regional da Apas, aponta o reaquecimento do setor sucroalcooleiro e o aumento das exportações de calçados como os principais fatores de elevação do poder aquisitivo dos consumidores. De acordo com ele, os produtos do agronegócio respondem por 80% dos itens vendidos nos supermercados.

Ribeirão Preto é a cidade que apresentou o segundo maior índice de potencial de consumo de São Paulo, em 2001, segundo o Atlas do Mercado Brasileiro, editado recentemente pelo jornal *Gazeta Mercantil* e baseado em dados do IBGE, Ipea-Pnud, Confaz, Sebrae e Seplan, entre outras entidades oficiais e empresariais do Estado e da União. O poder de consumo em Ribeirão supera o da Capital e precede o de Campinas em todos os artigos pesquisados, principalmente os do agronegócio:

A tabela mostra quanto cada habitante gastou em 2001 na compra de produtos, considerando o valor total dividido pela população:

	Ribeirão	Campinas	Capital
Biscoitos, doces e salgados	25,00	29,00	20,00
Café	20,00	22,00	15,00
Calçados	109,00	130,00	89,00
Carne bovina	140,00	162,00	109,00
Carne de frango	62,00	71,00	48,00
Cerveja	44,00	52,00	35,00
Enlatados e conservas	10,85	12,61	8,91
Frutas	64,00	75,00	51,00
Leite e derivados	193,00	222,00	152,00
Livros e Revistas	4,01	4,82	3,85
Macarrão	12,32	14,01	9,67
Maionese	2,63	2,96	1,96
Móveis	158,00	186,00	133,00
Óleo de cozinha	18,00	20,00	13,00
Panificados	162,00	186,00	126,00
Papel higiênico	11,00	12,54	8,43
Refeições fora de casa	391,00	465,00	330,72
Refeições preparadas	48,00	58,00	40,00
Refrigerantes	133,00	156,00	106,00
Roupas masculinas	86,00	103,00	73,00
Roupas femininas	117,00	139,00	99,00
Roupas infantis	65,00	77,00	53,00
Sucos	64,00	74,00	50,00
Verduras e Legumes	40,00	47,00	32,00

Editorial

A César o que é de César

Batizada no passado como a Capital do Café, Ribeirão se consagra agora como a “Capital Brasileira do Agronegócio”, onde a cadeia produtiva do “ouro negro” continua figurando ao lado de tantas outras. É o reconhecimento pela perfeita combinação entre diversificação e competência produtiva e gerencial.

Sediada em um dos mais importantes e competitivos pólos agroindustriais do Brasil, Ribeirão Preto está para a região como um coração que, ao pulsar, impulsiona e define o ritmo frenético de crescimento que se reflete em todos os outros setores da economia.

A qualidade na área da saúde, no ensino e pesquisa, no comércio, nos serviços, na infra-estrutura, nas artes, etc. é resultado da renda gerada e dos impostos pagos pelo setor do agronegócio, mola propulsora desta excelência.

Apesar disso, o entendimento da dinâmica do setor ainda não permeou todos os segmentos da sociedade que, em decorrência, não lhe atribui sua verdadeira importância. Grande parte da população ainda pensa que a finalidade do agronegócio se restringe à produção de comida, esquecendo-se das fibras e energia, dos empregos, dos salários e de todos os outros negócios que giram em torno e por causa do que é produzido no campo.

A iniciativa de outorgar à cidade o título de “Capital Brasileira do Agronegócio”, capitaneada pela ABAG/RP, ACI/RP, Pensa/USP e Prefeitura Municipal, contribui para valorizar a imagem dessa atividade da qual depende a vida de todos e que consiste, ao menos em médio prazo, na melhor alternativa para a inserção definitiva do Brasil no mercado internacional.

Mônica Bergamaschi

Bate o sino!

“A Agrishow é a ‘missa’ que celebra o avanço tecnológico do agronegócio.”

A definição é de Francisco Matturro, diretor-comercial da Marchesan Implementos e Máquinas Agrícolas Máquinas Tatu S/A, de Matão, um dos pioneiros da feira. Ele justifica o cenário da mostra que, neste ano, entra em sua nona edição: “É como se todos os interessados ouvissem o sino e se dirigissem até a praça da matriz para assistir ao ritual. A data, fim de abril e começo de maio, não foi escolhida ao acaso: é quando toda a safra de verão está colhida e parte dela, comercializada. Nessas condições, o empresário do agronegócio já pode decidir o volume de investimentos para a próxima safra, tendo à sua disposição toda a oferta de oportunidades e, o mais importante, em ação.”

E porque acontece em Ribeirão Preto? Francisco, que participou da estratégia da montagem da primeira apresentação, aponta várias razões. A cidade é uma síntese do agronegócio e sua infraestrutura facilitou a instalação. É uma das poucas cidades do interior do País que num raio de 100 quilômetros têm condições de hospedar grande número de visitantes – e que não pára de crescer. Tem linhas regulares de aviação para quase todos os lugares do Brasil e conexões para o exterior, e os acessos rodoviários são ótimos.

Francisco Matturro assinala, também, que a cidade e a região de Ribeirão Preto devem grande parte dessa infraestrutura ao dinamismo e à geração de riquezas proporcionados pelo agronegócio. “A existência de três shopping centers fortes e diversificados pro-



va essa situação favorável.”

A movimentação maior também é sentida por quem mora na cidade. Pesquisas comparativas da Associação Comercial e Industrial (ACI) indicam que nos shopping centers, os carros de fora, normalmente, ocupam 34% dos estacionamentos. Durante a Agrishow, eles tomam quase metade do espaço.

É nos shopping centers que, segundo os vendedores, se percebem os primeiros sinais de que a Agrishow está próxima. Já nos primeiros dias de abril, notam-se manchas de terra vermelha no piso. É a marca deixada pelos calçados dos encarregados de montagem dos stands, que aproveitam o fim da jornada diária de trabalho para passear, jantar, fazer compras.

Mas quando a feira começa, os números crescem. José Mário Lamonato, diretor de Marketing do RibeirãoShopping, por exemplo, diz que o faturamento das lojas aumenta em 15%. Comparando, no Dia das Mães, o crescimento é de 20% e no Dia dos Pais, de 18%. Ele lembra que o horário de funcionamento da Agrishow favorece essa expansão, porque ela fecha diariamente às seis da tarde. “Nessa hora, o serviço especial de vans leva as mulheres que passaram o dia no shop-



ping de volta ao hotel e, à noite, muitas voltam com os maridos para jantar e comprar”, observa.

De olho no crescimento da Agrishow e do turismo de negócios – e agronegócios – em Ribeirão Preto, o RibeirãoShopping planeja inaugurar em 2003, o hotel Ibis, com 166 apartamentos, e um centro empresarial de 22 andares. Como acontece desde a primeira Agrishow, todos os hotéis de Ribeirão Preto e da região estão lotados. As reservas para este ano foram feitas durante a feira do ano passado, e pagas. Não há necessidade de promoção e os preços são os do balcão, sem descontos.

Nos hotéis cinco estrelas, os vendedores calculam que 30% dos hóspedes que vêm para a mostra são do exterior,



Fotos: divulgação

principalmente da Itália, Espanha, Alemanha, Estados Unidos, México, América Central e de países árabes. Os funcionários sentem que a Agrishow chegou, porque há pimenta na mesa do café da manhã, para os mexicanos, e café sem coar, para os árabes.

A procura sempre supera a disponibilidade, garante Carlos Frederico, presidente do Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de Ribeirão Preto. “Apartamentos duplos são transformados em triplos. É um evento fora de série.”. Valéria Bernardo, do Plaza Inn, diz que aparecem pessoas implorando para dormir até nos sofás da recepção.

Carlos Frederico lembra que há dez anos, antes do primeiro evento, a cida-

de tinha 25 hotéis. Hoje são 52 hotéis e 20 motéis, usados quase exclusivamente por visitantes da feira, que alugam também sítios, chácaras, fazendas e casas de família. “Desde que começou a Agrishow, em Ribeirão se constróem 2,5 hotéis por ano. Atualmente, são oito mil leitões tomados durante a semana. “Dificilmente os hotéis do Rio de Janeiro conseguem esse índice de hospedagem, mesmo no Carnaval”, compara Carlos. Enquanto isso, a média de ocupação durante o ano é de 50%. “E os congressos médicos e de agronegócio são responsáveis por boa parte desse movimento de meio de ano”, acrescenta.

Por causa da Agrishow, o número de empregos na rede hoteleira da região também sobe — de 2.500 para três mil,

estima Jesus Carvalho, presidente do sindicato dos empregados nesse setor.

A Agrishow mexe com a cidade. “E mexe com as empresas, nacionais e estrangeiras, que estão expondo, porque a procura, sempre maior, exige delas a oferta de novidades todo ano”, afirma Shiro Nishimura, diretor-presidente da Máquinas Agrícolas Jacto, de Pompéia, outro pioneiro da feira. Ele conta que o que inspirou seus idealizadores foi a “Farm Progress Show”, realizada nos Estados Unidos, anual e itinerante, entre Indiana, Illinois e Iowa, na região do *cornbelt*, o cinturão do milho. Um dos segredos do sucesso, para Shiro, é que na Agrishow, o interessado vê e tem à sua disposição uma competição aberta, franca e próxima – tudo na mesma área. “Essa peculiaridade estimula a sinergia entre as empresas”, afirma.

Segundo Shiro, além da vocação natural de Ribeirão Preto como pólo de empresas ligadas ao agronegócio, a escolha da cidade também contou com a vontade e a iniciativa pioneira do então secretário da Agricultura de São Paulo, Roberto Rodrigues, que cedeu a Estação Experimental do Instituto Agrônômico, palco desde a primeira realização. Naquele ano, 1994, Roberto Rodrigues estava convencido de ter escolhido a região certa. Nove anos depois, não resta dúvida.

Quem entra hoje na Agrishow vê o que há de melhor do mundo na tecnologia do agronegócio. O primeiro evento não tinha esse nível de modernidade, mas a iniciativa ajudou bastante na atualização alcançada agora. E o agronegócio deve muito de sua modernização à feira, que antecipa, com competência e diversidade, o atendimento das exigências do produtor. Nos últimos vinte anos, a produção cresceu 60% graças à incorporação de tecnologia, enquanto a expansão da área plantada no Brasil foi de 0,5%.

Agrishow 2002

Local: Núcleo de Tecnologia Agrícola da Alta Mogiana - Ribeirão Preto
De 29/4 a 4/5 - das 8 às 18 horas